



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO

Ruy Hermann Araújo Medeiros*
(UESB)

Sérgio Eduardo Montes Castanho**
(UESB)

RESUMO

Este texto trata da história local e de sua relação com a história da educação. Os autores entendem por história local uma história de localidades escrita por historiadores não profissionais. Depara-se, mediante o método dialético, com questões prévias, dentre as quais: por que se escreve história local; qual o estatuto da história local como normalmente escrita; o que deve ser entendido por local na expressão história local. No decorrer da pesquisa, compreendeu-se que a história local mantém estreita ligação com a história da educação, tanto como conteúdo quanto como fonte. Como conteúdo a história da educação trata de instituições escolares rurais ou de pequenos núcleos urbanos cuja existência no tempo é também objeto da história local. Como fonte, a história da educação vai beber em trabalhos de história local as informações de que necessita para compor a trama que vincula agentes educacionais entre si e com instituições de ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: História. História Local. História da educação.

INTRODUÇÃO

O termo história local é aqui empregado em sentido específico: ele refere-se à história de uma localidade, geralmente município ou distrito, escrita por não historiador de ofício. Cumpre, no entanto, distinguir níveis de elaboração em textos de história local, pois há história de localidade, realizada por não historiador de ofício, que cumpre requisito de método e veracidade, e por isso se coloca no

* Ruy Hermann Araújo Medeiros. Doutorando em Memória, Linguagem e Sociedade pela UESB, é Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e pesquisador do Museu Pedagógico. E-mail: ruy-medeiros@uol.com.br.

**Sérgio Eduardo Montes Castanho (Orientador) Doutor em Educação pela UNICAMP, Professor Doutor Colaborador na Faculdade de Educação da UNICAMP, membro do HISTEDBR; Professor do Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade pela UESB. E-mail: castanho@dglnet.com.br



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mesmo patamar de obra redigida por historiador de ofício. Há história de localidade feita por historiador de ofício que, por atender aos requisitos exigidos para a formação científica, não se inclui no sentido na expressão “história local”.

O termo, no sentido apresentado, goza de aceitação. Paul Leuilliot, que escreveu texto celebrizado sobre o assunto, esclarece:

Desta maneira o historiador local não faz história profissionalmente mas por gosto. Esse gosto pela história, ou antes, esta vontade de escrever sobre história, esta paixão pela pesquisa em suas raízes profundas, esta atração pelo passado, o senso igualmente de “fazer história”, a compreensão das coisas antigas e dos homens de ontem e de antigamente, como de hoje, não saberiam alcançar as mesmas ressonâncias que encontram entre o historiador profissional. Por conseguinte, aquilo que é “vivido” pelo historiador local não tem a mesma significação: a história não implica certos passos, para ele um engajamento também imperioso, uma aventura intelectual na qual não sabemos adiante se nossas forças faltarão ou até onde ela nos vai conduzir (LEUILLIOT, 1974, p. 18).

Mesmo frequentemente o historiador local não se vincula aos mesmos objetos que o profissional, ficando preso aos setores que delimita precisamente: a biografia, a arqueologia, a monografia de convento, da escola, da cidade (para a qual volta). Sobretudo trata-se de pesquisas, livremente conduzidas, que se pode interromper, sem proveito profissional, assim como seu modelo obrigatório ao qual ele devesse se conformar para fazer como os outros (LEUILLIOT, 1974, p. 18).

O conceito, aplicado a inúmeros textos, não exclui a possibilidade, sob aspectos fatuais ou entendimento do sentido da fonte utilizada, de o historiador local alcançar, aqui ou ali, nível não destoante do trabalho científico. Interessa o texto que escreve, em seu conjunto. As deficiências metodológicas, as dificuldades hermenêuticas, a não utilização de categorias que estão integradas no patrimônio do cientista da história, distanciam o historiador local daquele profissional.

Assim, embora em aspectos singulares ou específicos o historiador local consiga alcançar explicações válidas, fixar veracidade do fato, etc., em seu conjunto



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

não produz o texto que o historiador de ofício faria. O mesmo sentido daquilo que seja o “local” tem tratamento diferenciado. O historiador local, tal como entendido acima, compreende lugar/local como porção do território e não como ambiente onde ocorrem processos que se interligam a outros de locais diferentes mais amplos. Certa perspectiva isolacionista marca o tratamento que o historiador local confere a fatos e processos ocorridos no território que ele historia. É a dificuldade metodológica que o assalta. Realiza o seu texto com intenção de fazer história de seu lugar, tem-no como livro de história, embora geralmente reconheça limitações de ofício.

A leitura dos textos de história local evidencia que seus autores deixam consignados os motivos que os levaram a escrever seus livros. Ali aparecem, como motivações, o amor à terra natal (ou adotiva), a vontade de informar sobre a localidade, evidenciar a importância do município, glorificar os antepassados, resgatar a memória, preservar fontes, vencer o esquecimento etc. Todos esses propósitos deixam evidente a dominância da memória: a história que perpetua a memória, sem distinguir seus específicos campos.

Escrita com envolvimento do autor na sociedade local, a história referida paga a isso forte tributo. Famílias bem situadas são depositárias de documentos e informações, marcam o lugar com sua visão de mundo, sua memória é a memória dos seus antepassados, geralmente. O historiador local geralmente se vale de membros dessas famílias para obter relatos, indicações de fontes, etc. isso chega filtrado as mais das vezes. Silêncios podem ser negociados, omissões podem ser acertadas, no limite, isto é, se o escritor do texto, por interesse que julgue maior, aceite a perda de sua autonomia. Não se afirma, no entanto, que isso seja regra geral.

No bojo dessas considerações pode-se incluir o uso não controlado de fontes jornalísticas, e os jornais locais são engajados, pelo que se exige apuro crítico do seu uso. Apesar da caracterização feita, há outra coisa a considerar: como



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

tratar essa miríade de textos cujos autores consideram obra de história e que assim são considerados pelo meio em que aqueles vivem?

Certamente que se inserem no contexto de história tradicional, antiquada. Tal como os historiógrafos trataram como historiadores os antigos narradores, os cronistas medievais e outros, que não apresentaram atributo de cientificidade, a história local é história, ou aí inserir-se-ia no campo da história. Veja-se, no entanto, que é certo tipo de história e historiografia que a acolhe, pois essa trata de diversas manifestações da escrita da história. Em outras palavras, a história da história abarca textos que não alcançaram a cientificidade, exatamente por ser “história da história”. O mesmo, aliás, ocorre com outros campos: pode-se abrir compêndio de história da medicina onde esta aparece em suas diversas manifestações: o curandeirismo, a medicina popular etc. Naturalmente isso introduz o rompimento com certa lógica linear tipo “o que é é e somente pode ser”. A realidade se impõe em suas múltiplas manifestações. Nem sempre a escrita da história se manifestou de forma científica, mas isso não impede de serem catalogadas como obras de história, historiograficamente, textos de história local, como assim foram tratados (isto é, como história), as crônicas medievais, ou as memórias históricas, estas com tanta presença no Brasil e no mundo. Histórias que não são história, embora historiograficamente o sejam. Não há que confundir-se certa ciência historiada com essa a própria ciência.

Estabelecidas questões prévias, pode-se indagar sobre a importância ou o interesse dos livros de história local como fonte. Geralmente, o historiador local anota como um dos objetivos de seu livro ser fonte e preservar fonte. E a leitura o confirma. Livros como a Revista Histórica de Conquista (VIANA, 1982), Belo Campo: Nossa Terra Nossa Gente (LETTIÈRE, 2008), dentre muitos outros, trazem transcrições de documentos, fotografias, etc. preservam do esquecimento e divulgam fontes de grande importância.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

No livro de história local há grande número de informações advindas de notícias de jornais antigos, cartas, relatos familiares, cópias de atos oficiais, etc. O historiador local reúne aquilo que considera relevante registrar e deixar aos pósteros.

O interesse da leitura dos trabalhos do historiador local centra-se no fato de que esse transmite informações e indica fonte, apresenta visão de fatos relevantes. Muitas vezes é singular, pois apenas ele colheu a informação ou apenas ele preservou o documento. Não quer isto dizer que a leitura de seu texto não deve ser feita criticamente.

A leitura dos textos de história local permite verificar a diversidade de temas, de documentos transcritos e de fatos. História de Itaúna, por exemplo, reproduz inúmeros documentos, 50 fotos, que retratam documentos, imóveis e eventos públicos. Esse livro estende-se da formação de Santana de São João Acima, no século XVII, até 1985. Trata da criação do município e de sua localização, extensão, divisão povoação, personalidades, gestão de prefeitos, desenvolvimento, crescimento urbano, o tipo itaunense, ensino, etc. Aliás, a história local costuma caracterizar-se por ser multitemática.

Para a história da educação, a história local é fundamental: ajuda a compor o amplo panorama da educação regional ou nacional. Ressalte-se que a história da educação funda-se basicamente em documentos de arquivos públicos. Mas não se pode esquecer que aí estão documentos de escolas públicas, ou de escolas particulares desde o momento em que a lei, quanto ao ensino regular, passou a exigir a transferência da documentação para o acervo documental público. Muito da educação desenvolveu-se nas fazendas, povoados e distritos, de forma privada, sem deixar documentos ou deixando-os em pequena quantidade.

A história local geralmente consegue reunir informações ou documentos sobre a educação que não se encontram em arquivos públicos. São informações e documentos de grande valia, pois muitas escolas têm origem nas casas de ensino



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mantidas por professores ou por proprietários rurais e muitos educadores tiveram sua formação inicial naqueles locais de ensino.

Grande “capítulo” da história da educação ocorreu em casas de fazendas, em vilas ou distritos, à beira de caminhos vicinais, prestadas por mestres particulares. Essa história por possuir sua fonte fora de arquivos públicos, para ser escrita dependerá de documentos particulares e, sobretudo, de informações contidas nos livros de história local, especialmente quanto ao Século XIX e inícios do Século XX, em relação principalmente ao ensino básico.

Pode-se ter um bom exemplo disso nos municípios de Belo Campo e Vitória da Conquista (o primeiro originou-se de distrito do segundo). A Revista Histórica de Conquista (VIANA, 1982) e Belo Campo – Minha Terra, Minha Gente (LETTIÈRE, 2008), dentre outros, são exemplos de história local com substancial matéria sobre educação. Ao lado de informações sobre estabelecimentos oficiais e respectivos professores, ocorrem informes sobre estabelecimentos particulares e seus regentes. Anibal Viana (1982) dedica 46 páginas de seu mencionado livro ao ensino. Ao lado de dados encontrados em arquivos públicos, aí se encontram dados biográficos de professores (obtidos de busca em arquivos não públicos), sobre escolas particulares (idem), alunos, etc. Importantes professores, como Eustáquio Blesa Serrano e Fabrício Cesar Freire, para toda a Região de Vitória da Conquista, tiveram trajetória levantada por Anibal e Lettière.

Velhos estabelecimentos de ensino aparecem nas páginas das histórias locais. Anibal Viana (1982) registra Colégio Pestalozzi, Externato Coração, Colégio Abílio Rosa, Colégio Brasil, etc. São registros que induzem a buscas sobre essas escolas e seus professores.

Embora os livros de história local fiquem geralmente no limite dos fatos, sem generalização e explicações mais seguras, é evidente que podem ser tomados como ponto de partida de análises, de novas buscas, etc. A menção, para a região de Vitória da Conquista, de professores predominantemente vindos de outros



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

lugares e suas frequentes mudanças de cidades, vilas ou distritos, indicam a difícil luta pela sobrevivência dos mestres de primeiras letras. Fabrício Cesar Freire vem do distante Maranhão, Abílio Rosa, é oriundo de Andaraí, Francisco Fagundes Lima, nasceu em Caetité, de onde também veio Ernesto Dantas Barbosa, Euclides Dantas é da região de Feira de Santana, segundo outros, é de Salvador, José Lopes Viana nasceu em Condeúba, Abdias Menezes é natural de Euclides da Cunha... Professores vindos de longe para a região conquistense e que não ficaram numa só cidade. Que significa isso? Por que migram os professores de primeiras letras, em finais do Século XIX e durante a República Velha para o centro-sul da Bahia e por aí perambulam? Blesa veio da distante Espanha. Abandonado no porto de Salvador dirige-se ao Sertão da Bahia, aprendendo português com a tropa que ele segue. Foi professor em Belo Campo, na cidade de Vitória da Conquista, Tremedal, Encruzilhada, e em Macarani, em cujo Distrito de Itabaí veio a falecer com 95 anos de idade. Trajetórias de vida de mestres de primeiras letras, que dizem muito para a história da educação, aparecem contempladas em livros de história local.

As informações tão diversificadas ajudam o historiador a compor um quadro mais amplo e mais dinâmico da história da educação de que aquele haurido apenas a partir dos arquivos públicos e de escolas públicas. Mesmo quanto a essas, cujos arquivos podem estar preservados, sua história é ampliada com biografias ou informes não simplesmente funcionais de professores.

É que a história da educação não pode ser apenas aquela que giza instruções de ensino, políticas públicas, mudança de estrutura, currículos e alterações institucionais. Ela está igualmente na trajetória de professores e alunos, nos estabelecimentos de ensino, nas experiências, nas migrações de mestres de primeiras letras, nos embates entre esses e políticos locais, etc. Muito disso não se encontra catalogado em documentos oficiais. Nesse sentido, o historiador local fornece dados e informações valiosas.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Por outro lado, há o aspecto da informação não escrita. Muito daquilo que se sabe sobre professores importantes da região conquistense, por exemplo, são informações colhidas de memória de pessoas. Se se deseja acompanhar os passos da importante professora Beatriz Rodrigues Lima Hofmann, o passo inicial para isso é a leitura de texto àquela dedicado pela historiadora local Helena Lima Santos (SANTOS, 1976). É como se o historiador local apresentasse a face não retratada por historiadores de ofício, ou por certo tipo de história da educação apenas fundadas em documentos oficiais.

Fala-se em trajetórias de mestres de primeiras letras (ou das poucas escolas secundárias existentes nas vilas, povoados e cidades), no século XIX e na República Velha, como algo que importa a uma história da educação que alcance mais do que aquilo possibilitado por documentos oficiais. E importa. É necessário desvendar a migração dos professores, dado constante em diversas regiões do Brasil. Aí certamente se trata, do ponto de vista dos mestres das escolinhas e das casas dos fazendeiros, de uma difícil luta pela sobrevivência, uma vida de pobre. Há exemplos eloquentes disso, em todos os lugares. Cita-se em deles: Euclides Dantas, que tanto influenciou Vitória da Conquista, viveu humildemente. No final da vida, ex-alunos e amigos fizeram subscrição para adquirir uma casa para seu mestre. As contribuições demoravam a pingar e o mestre, quase totalmente cego, pediu aos amigos que desistissem da aquisição de uma residência e comprassem óculos de que ele necessitava e que, objeto caro, não tinha condições de pagar.

Também é necessário fixar os móveis da demanda por professores. E, nesse sentido, percebe-se que a economia já exigia número maior de pessoas que soubessem ler e escrever. Contratos, por mais simples que fossem, confissões de dívidas (“devo que pagarei”), recibos, etc., necessitavam de peritos, no mundo iletrado do sertão. A letra garantia os atos, não bastavam palavras e era necessário igualmente confiar nos redatores dos atos, às vezes atos bem simples. Mas para os quais a oralidade e a simples lembrança eram insuficientes.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A história da educação vai a escaninhos mais profundos e para isso precisa de contribuição que não seja apenas dos arquivos institucionais. Os historiadores locais fornecem indicações, rastros, documentos, que ajudam a tarefa de compor amplo quadro do desenrolar de seu processo.

Nenhuma fonte (forma de manifestação!) por si mesma é confiável. Toda fonte, como manifestação de determinada ocorrência terá seu sentido, sua validade e extrapolação dependentes de outras e do determinado contexto. Isso se aplica igualmente aos textos do historiador local. Suas informações valerão desde que obedecidos os critérios necessários à crítica, à inserção e procedimentos metodológicos outros. Não se trata tão-só de, referindo-se a histórias escritas por não historiadores de ofício, fazer o descarte.

Há, no particular, coisas distintas a considerar: documentos transcritos, em seus livros, por historiadores locais, e informações transmitidas por esses, por que a obtiveram por outros meios. É evidente que, embora em ambos os casos, a hermenêutica tenha que estar presente, há diferenciações de abordagem que deve ser considerada.

No caso de informações prestadas pelo historiador local, hauridos de sua memória ou da lembrança de outros, ou de fontes não declaradas, deve-se considerar a existência de um controle preexistente: aquele autor fala à própria comunidade onde vive ou para onde veio viver e, por isso, tem ciência que outros conhecem os fatos e, por isso, serão detectadas “inverdades”, ou evidenciadas objeções, já existentes, por parcela da comunidade local. Inserido no meio social para o qual escreve, o historiador local não é apenas limitado por concepções dominantes; ele sente, no ato de escrever, a presença do outros que conhecem os fatos (por memória familiar, etc.) ou que desses compartilharam. Isso geralmente ocorre em qualquer relato.

Mas há aspecto, sobre o assunto, a considerar. A tradição tem força intensa para a feitura do texto do historiador local, fazendo com que este se submeta aos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

dados que apresenta. A aceitação acrítica da tradição pelo historiador local deve ser considerada pelo historiador da educação. Por diversas vezes, um fato ou uma explicação difundida “a perder dos tempos”, parece inquestionável. Gerações após gerações aceitaram-na. Cria-se em família que a conhece e transmite, faz parte do patrimônio da cultura de cada um. Por isso, não se pode deixar de examinar a tradição, submetê-la a dura crítica.

Para além da tradição, o historiador da educação estará avisado de que o historiador local possui vínculos com a localidade estudada. Por isso saberá discernir motivações ideológicas, partidárias, familiares, etc., ou buscará discerni-las a fim de compor seu instrumental de leitura crítica. A consciência de que o historiador local encontra-se fortemente inserido na comunidade sobre a qual escreve deve render preocupação metodológica ao historiador de ofício.

Mesmo quanto ao acesso às fontes pelo historiador local, o historiador de ofício saberá considerar a dificuldade de acesso a fontes (dispersão de arquivos, não localização, etc.) pelo historiador local, mas igualmente compreenderá que somente esse (por suas vinculações ao meio) terá contato com documentos de diversas espécies, às vezes de forma bem privilegiada. Se isso é verificável em dados de experiência comum, por outro lado deve ser móvel de preocupação: o acesso à fonte foi objeto de algum custo, algum silêncio?

O historiador local fala de um lugar de saber que precisa ser conhecido para que se avaliem seus escritos. Como em todo e qualquer procedimento hermenêutico, os cuidados serão observados; mas isso não significa que esse saber local deva ser desprezado (às vezes de forma arrogante) como se não valesse nada. Vale e vale muito quando lidos com os cuidados metodológicos necessários. O sentido da própria existência dessa inumerável quantidade de textos de história local deve ser averiguado, mas, uma vez encontrado o sentido, não se pode jogar tudo fora, sob alegação de que esse sentido contamina irremediavelmente tudo o mais.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Como antes foi dito, os historiadores locais fornecem incontáveis dados que interessam à história da educação, inclusive uma história que vá bem além de seus aspectos institucionais e por isso mesmo não podem ficar desconhecidos pelo historiador de ofício que se dedica à história da educação. Não se trata de humildade intelectual, mas de uma necessidade que deve ser atendida: uma história que vá bem além da aparência, que surpreenda o processo como este efetivamente ocorre, possa traçar painéis, generalizações, alcançar o âmago. Enfim, ciência.

CONCLUSÕES

Pode-se dizer, em conclusão do presente texto, que a história local dispõe de largo contributo para a história da educação. Existência de mestres e de escolas não documentadas em arquivos públicos, trajetórias de professores, momentos, formas de ensinar, agentes financiadores, avaliações quanto à educação em determinados ambiente e tempo etc. estão presentes em livros de história local. É um mundo que se descortina, rico e às vezes inesperado diante do leitor-investigador.

Trata-se de algo que não pode ser menosprezado pelo historiador da educação: o ensino concretamente localizado, vivo, com mestres nominados e trajetórias definidas, lembradas por seus alunos, com rastros deixados em cartas, bilhetes, contratos, lembranças.

A exuberância de dados transmitidos pelo historiador local não pode ser desprezada. Ao contrário disso, deve ser recepcionada, submetida aos critérios metodológicos do ofício do historiador e servir como fonte enriquecedora da história da educação (SAVIANI, 1998), tão desconhecida quando se trata daquela que se desenvolveu longe dos grandes centros, com professores que migram apenas com as ferramentas do saber e do saber ensinar, pobres, semeando salas de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

aula, percorrendo fazendas, vilas, distritos, oferecendo, em troca de pouco, o necessário conhecimento da arte de escrever, contar, subtrair, dividir e multiplicar. Essas marcantes vidas supriram a falta de escolas públicas ou com essas conviveram.

Os textos de história local, no entanto, devem ser lidos de forma crítica e criteriosa, mas devem ser lidos. Não se trata de material – tão grato às comunidades locais – que possa receber o descarte daqueles que lutam por uma história da educação que vá além dos aspectos institucionais.

REFERÊNCIAS

LETTIÈRE, Roberto. **Belo Campo: Minha Terra, Minha Gente. 100 anos de história.** São Paulo: HR, 2008.

LEUILLIOT, Paul. Defense et illustration de l'histoire local. In: **Annales, economies, societies civilisations**, Paris, 1967. p. 154-177.

SANTOS, Helena Lima. **Caetité pequena e Ilustre.** Salvador: Ed. da Autora; N. S. do Lorêto, 1976.

VIANA, Aníbal Lopes. **Revista Histórica de Conquista.** Vitória da Conquista: "O Jornal de Conquista", 1982, 2.v.

SAVIANI, Dermevalet al. (orgs.). **História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual.** Campinas, SP: Autores Associados, 1998.